



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

DEPARTAMENTO DE ENSINO-CAMPUS VIII

CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

HERNANDO MATHEUS SILVA TAVARES

**ENTRE GÊNEROS E IDENTIDADES: UMA ANÁLISE DE ENXOVAIS  
FUNERÁRIOS SOB A PERSPECTIVA DA ARQUEOLOGIA DE GÊNERO E  
SEXUALIDADE**

Paulo Afonso - BA

2024

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

DEPARTAMENTO DE ENSINO-CAMPUS VIII

CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

HERNANDO MATHEUS SILVA TAVARES

ENTRE GÊNEROS E IDENTIDADES: UMA ANÁLISE DE ENXOVAIS FUNERÁRIOS  
SOB A PERSPECTIVA DA ARQUEOLOGIA DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Colegiado do Curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus VIII, para obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia.

Orientadora: Jéssica Rafaela de Oliveira

Paulo Afonso - BA  
2024

**HERNANDO MATHEUS SILVA TAVARES**

**ENTRE GÊNEROS E IDENTIDADES: UMA ANÁLISE DE ENXOVAIS  
FUNERÁRIOS SOB A PERSPECTIVA DA ARQUEOLOGIA DE GÊNERO E  
SEXUALIDADE**

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros.

**Aprovado em 03 de janeiro de 2025**

Banca examinadora:

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Jéssica Rafaella de Oliveira

Examinadora 1: Me. Lennon Oliveira Matos

Examinadora 2 - Ma. Morgana Cavalcante Ribeiro



## ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 03 dias do mês de janeiro do ano de 2025 excepcionalmente em formato on-line às 16h:00 horas, reuniu-se a banca examinadora composta pelos membros:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Jéssica Rafaela de Oliveira  
Me. Lennon Oliveira Matos  
Ma. Morgana Cavalcante Ribeiro

Em seguida, dando início ao evento, a professora Jéssica Rafaella de Oliveira convocou o aluno: **Hernando Matheus Silva Tavares** para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: **Entre gêneros e identidades: Uma análise de enxovais funerários sob a perspectiva da arqueologia de gênero e sexualidade** com o tempo de 20min para explanação e 60min, para arguição da banca examinadora tendo cada participante o tempo de 20min. Após esse período, o Presidente da banca examinadora, solicitou a saída do aluno e demais presentes para o fechamento da nota com os outros membros da banca. Em recinto fechado, a banca examinadora **APROVOU** o Trabalho de Conclusão de Curso da aluna **Hernando Matheus Silva Tavares**, atribuindo nota **8,3** (oito virgula três) a referida aluna, conferindo-lhe parcialmente o grau de Bacharel em Arqueologia, tendo o mesmo o prazo de 30 (trinta) dias a contar com a data de apresentação para efetuar as considerações sugeridas pela banca e desde que aprovada pelo orientador, deverá entregar ao Colegiado de Arqueologia 01 (uma) cópia do TCC em capa dura na cor azul royal, e um arquivo da versão final do referido TCC em formato de PDF enviado via e-mail ao referido Colegiado, desde que tenha o aval do respectivo orientador. O não cumprimento deste prazo impedirá a sua colação de grau.

Não havendo mais nada a tratar, A Presidente da banca finalizou a sessão. Eu, Ana Cláudia da Costa Mota, secretária, lavrei a seguinte ata que depois de lida e se aprovada será assinada pela banca examinadora e pelo discente.

Paulo Afonso, 03 de janeiro de 2025.



**Assinaturas:**



Documento assinado digitalmente  
**HERNANDO MATHEUS SILVA TAVARES**  
Data: 06/01/2025 19:51:19-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Discente: Hernando Matheus Silva Tavares

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Jéssica Rafaella de Oliveira

---

Examinadora 1: Me. Lennon Oliveira Matos



Documento assinado digitalmente  
**MORGANA CAVALCANTE RIBEIRO**  
Data: 06/01/2025 08:26:46-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Examinadora 2 - Ma. Morgana Cavalcante Ribeiro

## AGRADECIMENTO

Agradeço, antes de tudo, às energias que nos impulsionam e nos sustentam, muitos chamam de Deus, por me guiarem nos momentos difíceis e me darem forças quando tudo parecia perdido.

Aos meus colegas de turma, que caminharam comigo nesses anos, que sempre tiraram minhas dúvidas e me animaram quando tive desesperança sobre a profissão que iremos seguir.

Aos professores maravilhosos que tive o prazer de conhecer e que, com certeza, levarei para sempre em meus ensinamentos, especialmente à professora Jéssica Oliveira, que aceitou o desafio de me orientar neste trabalho final. Meu sincero obrigado!

Aos meus amigos, que sempre estiveram comigo nos tempos difíceis, que me levantaram quando caí, que me tiraram de lugares escuros quando o medo de fracassar me dominava, e que, por meio de piadas e brincadeiras, me mostraram que posso superar qualquer obstáculo. E, caso eu fraqueje, sei que estarão prontos para me amparar.

À minha família, que é minha base e meu alicerce, que nunca me deixou só, que me fez ser a pessoa que sou hoje e que sempre comemorou minhas conquistas, desde as mais simples até as maiores. À minha mãe, dedico a ela tudo o que sou e tudo o que quero ser. Mulher guerreira, que trabalhou dia e noite, de domingo a domingo, para que nada me faltasse. Não tenho palavras para descrever o quão grato sou por poder chamá-la de minha mãe. Obrigado por sempre acreditar em mim, por estar ao meu lado, me dando carinho e suporte. Você sempre será minha luz, meu tudo. Essa conquista é mais que minha: é NOSSA.

Quero agradecer também a todas as pessoas que passaram pela minha vida e que, por algum motivo, não estão mais presentes. Guardo comigo os ensinamentos que me fizeram compreender quais relações devo cultivar e quais devo deixar ir. Muito obrigado!

E, por fim, quero agradecer a mim mesmo, que, apesar de tudo o que passei, consegui ter forças para enfrentar tudo de peito aberto, que não desisti na primeira queda, que levantei e segui caminhando, mesmo com medo e insegurança.

A todos que fizeram parte dessa jornada, meus agradecimentos mais profundos!

## **Resumo**

O trabalho tem como finalidade examinar como os enxovais funerários são interpretados pela arqueologia tradicional, frequentemente a partir de perspectivas cisheteronormativas. A pesquisa questiona a vinculação automática entre sexo biológico, gênero e normas sociais, propondo uma análise que considere as pluralidades e transgressões de identidades de gênero e sexualidade. Através de uma revisão bibliográfica, o estudo busca compreender como os objetos funerários refletem construções sociais e simbólicas relacionadas ao gênero.

### **Palavras-chave:**

Arqueologia de Gênero, Enxovais Funerários, Sexualidade, Identidade.

## **Abstract**

The purpose of this study is to examine how funerary goods are interpreted by traditional archaeology, often from cisheteronormative perspectives. The research challenges the automatic connection between biological sex, gender, and social norms, proposing an analysis that considers the pluralities and transgressions of gender and sexuality identities. Through a bibliographic review, the study seeks to understand how funerary objects reflect social and symbolic constructions related to gender.

### **Keywords:**

Gender Archaeology, Funerary Goods, Sexuality, Identity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....</b>	<b>12</b>
<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>13</b>
Geral:.....	13
Específicos:.....	13
<b>REVELANDO GÊNEROS: A PERSPECTIVA SOB A VISÃO DA ARQUEOLOGIA DE GÊNERO E TEORIA QUEER.....</b>	<b>14</b>
<b>IDENTIDADES ANCESTRAIS: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE INDÍGENAS LGBTS NAS SOCIEDADES PRÉ-COLONIAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>IDENTIDADE E ENTERRAMENTO: UM OLHAR DA ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA SOB A PERSPECTIVA DA ARQUEOLOGIA DE GÊNERO.....</b>	<b>25</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>

## INTRODUÇÃO

A ciência arqueológica, mesmo antes de seu amadurecimento dentro de um cenário científico, apresenta problemáticas quanto à inclusão das diversidades que permeiam as sociedades, sejam elas de um passado distante ou contemporâneo. Um exemplo disso são os restos humanos e seus enxovais funerários, os quais vêm sendo interpretados predominantemente a partir de perspectivas da cisheteronormatividade<sup>1</sup>, ou seja, com base em pressupostos que associam o sexo biológico de um indivíduo diretamente a um gênero binário e a normas heterossexuais. Essas abordagens trazem reflexos complexos na compreensão das sociedades e, sobretudo, limitam as interpretações das identidades e dos papéis sociais dos indivíduos, especialmente no que se refere às variações de gênero e sexualidade, que não se encaixam nesses moldes.

A arqueologia de gênero<sup>2</sup>, no entanto, busca questionar essas suposições convencionais, ampliando o entendimento sobre como as sociedades construíram e expressavam identidades de gênero. No caso dos enxovais funerários, que são compreendidos como todos os conjuntos de objetos enterrados juntamente com os mortos, a análise deles possibilita uma compreensão mais profunda e inclusiva das escolhas culturais envolvidas no ritual de enterramento, que envolve todo o processo de sepultamento de um indivíduo. Em vez de simplesmente associar determinados itens a um gênero específico, a arqueologia de gênero examina como esses objetos refletem normas, expectativas e transgressões relacionadas ao gênero e à sexualidade.

Um exemplo disso são os enxovais funerários compostos por objetos convencionalmente atribuídos a mulheres, como objetos associados a funções domésticas que devem ser interpretados de formas mais complexas, levando em consideração as representações simbólicas de poder, status ou devoção que transcendem o gênero. Da mesma forma, a presença de armamentos ou instrumentos de caça identificados em contextos funerários, os quais, sem muita criticidade, são comumente atribuídos a uma ligação direta com o gênero masculino e sua virilidade.

---

<sup>1</sup> A cisheteronormatividade é a naturalização e normatização de uma forma específica de se relacionar afetivo-sexualmente.

<sup>2</sup> Arqueologia de gênero é uma linha de pesquisa da arqueologia que se iniciou na década de 80 trazendo questionamentos do posicionamento das mulheres na arqueologia e como agentes ativas nas sociedades pré-modernas (PAGNOSSI 2017).

A arqueologia de gênero, mesmo que na presente proposta de pesquisa a seguir esteja detendo apenas à compreensão de contextos funerários limitados, tem possibilitado a criação de espaços para refletirmos sobre a pluralidade das escolhas conscientes que são tomadas coletivamente dentro das sociedades em relação ao enterramento de seus mortos. Os objetos que compõem esses enxovais permeiam relações muito mais complexas do que meramente um reflexo da cisheteronormatividade, que, sem muita criticidade e, por vezes, inconscientemente, é transportada para a compreensão dos contextos arqueológicos.

## **PROCEDIMENTO METODOLÓGICO**

Esse trabalho de conclusão de curso adota a revisão bibliográfica como método central de análise do tema proposto. Lakatos e Marconi (2003) e Gil (2002), explicam que a revisão bibliográfica é a investigação sistemática de materiais publicados sobre o objeto de estudo, fazendo-o um procedimento essencial para a fundamentação teórica e uma melhor compreensão sobre o tema.

O processo para a escolha do tema e da metodologia iniciou-se levando em consideração a relevância científica e social, e a partir disso os objetivos centrais da pesquisa foram traçados. Em seguida, foi feita a pesquisa em bibliotecas digitais, periódicos especializados, livros e trabalhos científicos. A revisão bibliográfica permitiu não só reunir os trabalhos existentes sobre o tema, mas também, identificar as lacunas presentes na literatura brasileira.

## **OBJETIVOS**

### **Geral:**

O objetivo geral desta pesquisa, é investigar se há uma recorrência e algum possível padrão identificável e que remetem às relações de gênero em enxovais funerários, buscando perceber se nesses possíveis padrões há alguma distinção entre práticas funerárias normativas, que são historicamente reconhecido pela arqueologia e possíveis variações que possam resultar em diferentes interpretações de identidades de gêneros e sexualidade que diferem da cisheteronormatividade.

### **Específicos:**

- Analisar material bibliográfico para aprofundar sobre as discussões sobre arqueologia de gênero.
- Compreender como os objetos funerários podem refletir as percepções sociais de gênero e sexualidade.
- Corroborar para a construção e o amadurecimento de perspectivas teóricas as quais permeiam o campo das expressões de identidade de gênero e sexualidade através das evidências materiais encontradas em enterramento.

## REVELANDO GÊNEROS: A PERSPECTIVA SOB A VISÃO DA ARQUEOLOGIA DE GÊNERO E TEORIA QUEER

A arqueologia de gênero é uma linha de pesquisa da arqueologia que se propõe a examinar os padrões de gênero presentes nas sociedades humanas pré-históricas e questionar a natureza de gênero dada como certa nas relações sociais. Emerge da vontade de subverter uma semântica patriarcal de significado social e levou os arqueólogos a repensar a contribuição das mulheres e diversas formas de identidade social na luta do ser humano comum para a sobrevivência e conforto. Essencialmente, olhando para a arqueologia através da lente de gênero, obtemos uma imagem mais completa das suas questões sociais e um quadro mais robusto das sociedades humanas.

A arqueologia de gênero surgiu nos anos 80, auge da segunda onda do feminismo<sup>3</sup>. O foco principal é questionar por que o papel das mulheres não era reconhecido nas análises dos grupos sociais do passado, afinal, por que as mulheres estavam sub-representadas nas análises dos arqueólogos acerca das reservas ancestrais? Este é um campo de estudo que surgiu em resposta ao machismo institucional dos primeiros arqueólogos. Como dizia Berrocal<sup>4</sup> (2009):

La arqueología del género tiene como objetivo la acumulación de una información más completa sobre el pasado añadiendo específicamente datos sobre las mujeres y sus actividades. (BERROCAL, 2009, p. 26)<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> A primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto.

<sup>4</sup> Maria Cruz Berrocal é pré-historiadora, foi bolsista de pós-doutorado Fulbright na Universidade da Califórnia, Berkeley. Disponível em <https://mujeryciencia2022.ihcantabria.com/maria-cruz-berrocal/>. Acesso em 24 janeiro de 2025.

<sup>5</sup> A arqueologia de gênero tem como objetivo a acumulação de informações mais completas sobre o passado, adicionando especificamente dados sobre as mulheres e suas atividades. – Tradução livre.

A priori, esse tema é sugerido por Conkey e Gero<sup>6</sup> em 1988, durante a conferência *Engendering Archeology*, onde essas críticas sobre como o machismo<sup>7</sup> põe todo o protagonismo nos "homens" enquanto as "mulheres" eram invisibilizadas, essas críticas também foram feitas sobre como os trabalhos de arqueólogos ganharam mais visibilidade do que os trabalhos feitos por mulheres. O feminismo abriu espaço para a discussão de como as desigualdades de gênero foram naturalizadas e para questionar as estruturas de poder associadas ao gênero. A arqueologia de gênero, vai além de simplesmente "incluir" as mulheres no registro arqueológico; ela busca entender as relações sociais entre os gêneros. A crítica feminista ao patriarcalismo acadêmico gerou “novos olhares sobre como homens e mulheres eram representados no passado” (SILVA et al., 2011). Tais críticas começaram a olhar que a arqueologia feminista não poderia abranger a arqueologia de gênero, pois a primeira tem como agentes ativos somente as mulheres, enquanto a segunda visa abranger mais agentes e vertentes (WYLIE, 1997).

Neste debate sobre gênero e suas expressões, Judith Butler<sup>8</sup>, na obra *Gender Trouble: Feminism And the Subversion of Identity* (1990), faz questionamentos sobre corpo, gênero e desejo, onde destaca que as categorias tradicionais com "mulher" e "sexo/sexualidade" têm várias camadas e podem ser representadas de formas diversas, bem mais do que reconhecemos. Em outras palavras, não existe uma única forma de ser mulher ou de viver a sexualidade, todavia, há uma multiplicidade de identidades, expressões e experiências. Também aborda como as normas sociais relacionadas a gênero e desejo são obrigatórias e podem não representar a realidade vivida por muitas pessoas. Isso implica que a sociedade

---

<sup>6</sup> Margaret Conkey entrou para o Departamento de Antropologia de Berkeley em 1987. Desde então, continuou pesquisando e publicando em várias áreas inter-relacionadas. Com interesse nas questões de gênero e perspectivas feministas na arqueologia e nas sociedades humanas do passado. Em 1998, teria coorganizado duas grandes conferências para abordar tais questões e publicado vários artigos, incluindo um artigo de revisão de 1997 (coautorado com Joan Gero) sobre o tópico nas *Annual Reviews of Archaeology*. Joan Gero foi uma eminente acadêmica em sociopolítica da arqueologia, arqueologia de gênero, ética arqueológica e arqueologia sul-americana. Com Margaret Conkey, ela coeditou o volume seminal *Engendering Archaeology: Women and Prehistory*, publicado por Basil Blackwell em 1991 e reimpresso seis vezes. Suas publicações mais recentes incluem "The Evolution of Happiness" (com Stephen Loring), publicado em *Archaeologies: The Journal of the World Archaeological Congress* e *Yutopian: Archaeology, Ambiguity and the Production of Knowledge in Northwest Argentina*, publicado pela University of Texas Press em novembro de 2015. Disponível em <https://anthropology.berkeley.edu/margaret-w-conkey/>; <https://worldarchaeologicalcongress.com/blog/joan-m-gero-1944-2016/>. Acesso em 24 de janeiro de 2025.

<sup>7</sup> O machismo é um sistema de crenças que promove a suposta superioridade masculina e tenta justificar a desigualdade de poder entre os gêneros, perpetuando a subordinação das mulheres por meio de normas culturais e sociais enraizadas nas instituições e estruturas sociais. Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/machismo.htm>. Acesso em 23 de novembro de 2024.

<sup>8</sup> Judith Butler é uma filósofa estadunidense que formulou diversas teorias que mudaram os estudos de gênero, questionaram o feminismo e trouxeram a ela também muitos opositores. A pensadora traz, em uma de suas obras, a ideia de gênero performativo, ou seja, como somatório de repetições de comportamentos socialmente praticados ao longo da história. Uma de suas principais obras é *Problema de gênero*, lançada em 1990. É judia, lésbica, feminista — embora questione o feminismo —, antirracista, anti-lgbtfóbica e libertária. Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/biografia/judith-butler.htm>. Acesso em 24 de janeiro de 2025.

impõe expectativas que nem sempre são compatíveis com a diversidade de identidades e vivências humanas.

A teoria Queer surgiu nos anos 80 nos Estados Unidos, inicialmente como uma resposta aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais. Influenciada pela filosofia pós-estruturalista, essa abordagem busca desafiar a normalidade social e as construções hegemônicas de gênero e sexualidade, especialmente no que se refere à heterossexualidade e ao cisgênero (MISKOLCI, 2009). Miskolci<sup>9</sup> (2009) analisa de forma crítica os movimentos sociais voltados para identidades, que buscam validação das normas sociais estabelecidas, argumentando que essa busca acaba por fortalecer as normas dominantes. Em contrapartida, a teoria Queer sugere uma crítica às definições rígidas de identidade, questionando a hierarquia heterossexual que organiza as relações sociais e apresentando uma concepção de identidade como algo dinâmico e situado no contexto. A teoria queer usa conceitos de Foucault e Derrida para explicar como as normas de gênero e sexualidade são mantidas. Miskolci mostra que sistemas heterossexistas dependem da homossexualidade para definição. A sociologia tradicional vê sexualidades não-hegemônicas como minorias, enquanto a teoria Queer analisa processos normalizadores que criam o conceito de desvio.

Em vez de focar em minorias, ela desorganiza o sistema binário normativo. Miskolci busca analisar como as normas sociais produzem identidades, estudando a heteronormatividade como construção histórica que regula sexualidade, raça e classe. A relação entre teoria queer e sociologia desafia noções tradicionais, propondo uma análise da normalização para explorar formas de opressão interseccionadas.

Marinho e Veras<sup>10</sup> (2017) no artigo intitulado *Michel Foucault E A Teoria Queer* discute a influência do pensamento de Foucault na teoria queer, ao desconstruir a ideia de sexualidade como natural. Foucault vê a sexualidade como uma construção histórica e cultural moldada por dispositivos de saber-poder. A teoria Queer, inspirada por Foucault, questiona a

---

<sup>9</sup> Richard Miskolci é Professor Titular de Sociologia do Departamento de Medicina Preventiva da UNIFESP, pesquisador do CNPq e coordenador do Quereres - Núcleo de Pesquisa em Diferenças, Direitos Humanos e Saúde. Doutor em Sociologia pela USP (2001). Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/4213915/richard-miskolci-escudeiro>. Acesso em 29 de novembro de 2024.

<sup>10</sup> \*Possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Fortaleza, Especialização em Economia Política pela Universidade Estadual do Ceará, Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba/Universidade Federal de Minas Gerais, Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará, Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás, Pós-doutorado em Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas. \*\*Possui Graduação em História pela Universidade Federal do Ceará, Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/5195770/cristiane-maria-marinho> e <https://www.escavador.com/sobre/6676439/elias-ferreira-veras>. Acesso em 20 de dezembro de 2024.

normatividade e a heteronormatividade, promovendo uma visão inclusiva de gênero e sexualidade, “a sexualidade não é um fato natural da vida humana, mas uma categoria construída das experiências históricas, sociais e culturais”. (MARINHO; VERAS, 2017).

Ambos resistem à normalização, defendendo práticas e identidades dissidentes para combater a limitação da expressão de gênero e sexualidade. No contexto brasileiro, a adaptação da teoria queer para políticas contra a violência e discriminação LGBTQIA é discutida, mostrando a importância da interseção entre a teoria foucaultiana e a resistência queer (MARINHO; VERAS, 2017).

Thomas Dowson<sup>11</sup> em seu artigo *Why Queer Archeology? An Introduction* (2000), introduz o que seria uma nova abordagem para a arqueologia, denominada arqueologia Queer, onde tem como objetivo desafiar o conceito de heteronormatividade que é implícita nas interpretações arqueológicas. Dowson aponta que a heterossexualidade é vista como norma na arqueologia o que acaba invisibilizando as outras possibilidades de identidades e relações existentes no período pré-histórico. Dowson (2000) elabora em seu artigo como a identidade homossexual foi (e ainda é) utilizada como forma de deslegitimar o trabalho de pessoas LGBTQs, isso incluem arqueólogos e arqueólogas, onde fica evidente os privilégios que a perspectiva heterossexual afeta a construção do conhecimento. Com isso, a arqueologia Queer, segundo a visão de Dowson, não tem como objetivo apenas encontrar vestígios de pessoas homossexuais no passado, todavia desenvolver uma metodologia de incluir essas vozes que foram silenciadas secularmente. Quando se aplica a teoria Queer na arqueologia tem em vista reformular a prática arqueológica, pois incorpora uma crítica reflexiva às normas estabelecidas e oferece representações alternativas de gênero e sexualidade nas reconstruções do passado.

Segundo Gontijo e Schaan<sup>12</sup> (2017) no Brasil não existem muitas produções acerca do tema da teoria queer, tanto na antropologia e sobretudo na arqueologia, apesar do estudo produzido por eles ser da década passada, o cenário atual não é diferente. Eles esclarecem que

---

<sup>11</sup> Após se matricular em 1981, formou como arqueólogo na Universidade de Witwatersrand, na África do Sul. Em 1994, assumiu um cargo na Universidade de Southampton, na Inglaterra, onde estabeleceu o primeiro programa de pós-graduação do mundo em estudos de arte rupestre. – Tradução livre, Disponível em <https://archaeology-travel.com/about/thomas-dowson/>. Acesso em 29 de novembro de 2024.

<sup>12</sup> \*Fabiano Gontijo é graduado em Sociologia com destaque em Antropologia (1995) pela Université de Provence, na França, realizou mestrado interdisciplinar em Sociologia, História e Antropologia (1996) e doutorado em Antropologia Social (2000), ambos na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, também na França. \*\* Dr<sup>a</sup> Denise Pahl Schaan. Arqueóloga, Mestre em História/Arqueologia e Ph.D em Antropologia Social pela Universidade de Pittsburgh (EUA). Disponível em <https://lestu.com.br/autores/fabiano-gontijo/> e <https://www.gov.br/museugoeldi/pt-br/arquivos/noticias/em-memoria-de-denise-pahl-schaan-1962-2018>. Acesso em 12 de dezembro de 2024.

precisa-se fazer mais debates sobre o tema, principalmente para aprofundar sobre a temática das relações sociais nas sociedades pré-históricas e seus agentes ativos.

Arkley Marques Bandeira<sup>13</sup> (2019) discute sobre a pertinência do termo Queer na abertura de estudos acadêmicos no Brasil para, desse modo, questionar a validade de traduzir e apropriar um conceito estrangeiro. Para Larissa Pelúcio (2014 apud BANDEIRA, 2019), a teoria queer é uma ferramenta de luta política que desafia todas as opressões, incluindo, entre outras, a heterossexualidade compulsória e os binarismos que impedem a transformação dos capital social. Bandeira ainda aponta a presença de uma antiga prática de “teoria queer” no Brasil; autores como José Fábio Barbosa da Silva e Nestor Perlongher fizeram contribuições para o estudos sobre sexualidade e gênero antes de esse campo existir formalmente, e uma nova geração de pensadores que surgiram principalmente nas últimas três décadas do século XX, com significativos reacionários na educação e sociologia. É possível observar que tal abordagem crítica e decolonial é necessária nas narrativas queer no Brasil, onde a transgressão é um gesto político contra a imposição de termos e teorias estrangeiras que não correspondem às realidades do hemisfério sul (BANDEIRA, 2019).

Bandeira discorre que alguns autores nacionais como Larissa Pelúcio<sup>14</sup> (2014) e João Manuel de Oliveira<sup>15</sup> (2017) sugerem, por exemplo, adaptar a palavra queer para conceitos locais, propondo o uso de termos como “Estudos Transviados”, assim como outros autores, também, criam novos conceitos, como uma “teoria do cu”, de Pelúcio. Bandeira ainda destaca a relevância de integrar essas perspectivas em arqueologia, tornando as vozes e os coletivos que desafiam a hegemonia cada vez mais visíveis. Essa visibilidade é essencial e é uma etapa crucial para descolonizar e diversificar a teoria e as práticas arqueológicas queer, em situações locais e globais.

---

<sup>13</sup> Graduado em História pela Universidade Estadual do Maranhão; Especialista em Educação Ambiental pela Universidade Estadual do Maranhão; Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Disponível em <https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/docente/portal.jsf?siape=2296805>. Acesso em 17 de dezembro de 2024.

<sup>14</sup> Larissa Pelúcio é Livre-Docente em Estudos de Gênero, Sexualidade e Teorias Feministas. Atua como professora de Antropologia na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos, realizou Pós-doutorado na Université Paris. Disponível em <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/36890/larissa-maues-pelucio-silva/>. Acesso em 16 de dezembro de 2024.

<sup>15</sup> Agregação em Psicologia pelo ISCTE-IUL. Licenciatura, mestrado e doutoramento em Psicologia Social pelo ISCTE. Fez trabalhos de pós-doutoramento na Universidade do Minho (2010-2012), Universidade do Porto (2013-2014), ISCTE-IUL (2015-2016). Disponível em <https://ciencia.iscte-iul.pt/authors/joao-manuel-de-oliveira/cv>. Acesso em 16 de dezembro de 2024.

## IDENTIDADES ANCESTRAIS: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE INDÍGENAS LGBTS NAS SOCIEDADES PRÉ-COLONIAIS

Os povos do Ocidente, sobretudo aqueles que foram e são fortemente marcados pelas consequências cruéis dos processos colonizantes, refletem, no presente, diversas problemáticas, entre as quais se destacam a intolerância e uma visão exclusiva que menospreza pessoas tidas como sodomitas<sup>16</sup> (dando um foco, neste trabalho, às pessoas que, em uma visão atual, se identificam como LGBTQIAPN+<sup>17</sup>) e suas relações.

Casos de homossexualidade e transexualidade são encontrados em várias sociedades e em diversas partes do globo, seja em práticas sociais efetivas ou em seus mitos e ritos. Entre diferentes povos, podemos observar breves comparativos: na Grécia Antiga, por exemplo, era comum a ocorrência de relações entre homens. O Deus grego mais poderoso, Zeus, tem um conto em que se apaixona por um mortal (homem cisgênero) e estabelece relações com ele:

De Tróis provieram três filhos, de forma e intelecto perfeitos: Ilo, depois deste, Assáraco e, alfim, Ganimedes deiforme, que entre os mortais foi, sem dúvida, o herói de mais bela aparência. Os deuses a este raptaram, por causa de sua beleza, para que a Zeus de copeiro servisse e vivesse no Olimpo (Rossi 2010, rev. 2016; apud HOMERO, 1996, p. 312).

Outro caso interessante é os termos "lésbica" e "sáfica", que deriva do nome da poetisa Sappho, que viveu na ilha de Lesbos. Segundo historiadores, Sappho escreveu várias poesias dedicadas a outras mulheres, celebrando suas relações e experiências amorosas. Essa associação com a poetisa e sua obra ajudou a consolidar os termos como referências à homossexualidade feminina, refletindo a profundidade das emoções e das conexões entre mulheres ao longo da história (MARK, 2021).

---

<sup>16</sup> Alguém que pratica sodomia — usado como um termo de abuso e desmerecimento para uma pessoa gay. Tradução livre. Disponível em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/sodomite>. Acesso em: 21 de novembro de 2024.

<sup>17</sup> LGBTQIAPN+ é uma sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Póli, Não-binárias e mais. Disponível em <https://orientando.org/o-que-significa-lgbtqip/#~:text=LGBTQIAPN%2B%20%C3%A9%20uma%20sigla%20que%20consideram%20seus%20g%C3%AAneros%20parecidos>. Acesso em 18 de dezembro de 2024.

No continente americano, especialmente na América do Norte, o conceito de pessoas "two-spirit" [dois espíritos] ressurgiu como forma de identificação de indígenas LGBTQIAPN+, como parte de um movimento anticolonial (FERNANDES 2013). Esse movimento tem como ideal o resgate da identidade de ancestrais indígenas que não possuíam um comportamento heteronormativo, cuja presença se perdeu após o contato com os colonizadores europeus.

Apesar de não haver um movimento de identidade indígena LGBTQIAPN+ no Brasil, é possível estabelecer um comparativo com o movimento "two-spirit" da América do Norte. Muitos relatos de nações indígenas norte-americanas fazem alusão a pessoas "two-spirit" como seres importantes na manutenção das etnias, muitas vezes ocupando lugares de destaque nas aldeias, como curandeiros, videntes ou até mesmo líderes (FERNANDES 2013). Na América do Sul, especificamente no Brasil, apesar de não haver um termo ou movimento consolidado sobre questões relacionadas a indígenas LGBTQIAPN+, existe uma literatura bastante vasta que remonta à ancestralidade dessa temática, com relatos que datam desde a colonização portuguesa, como mostram os escritos de Gabriel Soares de Sousa (1587):

São os tupinambás tão luxuriosos que não há pecado de luxúria que não cometam; os quais sendo de muito pouca idade têm conta com mulheres, e bem mulheres; porque as velhas, já desestimadas dos que são homens, granjeiam estes meninos, fazendo lhes mimos e por afronta; e o que se serve de macho, se tem por valente, e contam esta bestialidade por proeza; e nas suas aldeias pelo sertão há alguns que têm tenda pública a quantos os querem como mulheres públicas (SOUSA, 2000, p. 235-236).

Assim como Sousa, outros cronistas falaram sobre como nativos mantinham suas relações homoafetivas, com uma visão pecaminosa, muitos desses cronistas relatavam as práticas como sodomitas, o padre francês Yves D'Evreux descreve em relato que:

Ha em Juniparan, na Ilha, um hermaphrodita, no exterior mais homem do que mulher, porque tem a face e voz de mulher, cabelos finos, flexíveis e compridos, e comtudo casou-se e teve filhos, mas tem um genio tão fórte que vive porque receiam os selvagens da aldeia trocar palavras com ele. [...] junto da peça montada na muralha do Forte de S. Luiz, junto ao mar, amarraram-no pela cintura á bocca da peça e o Cardo vermelho lançou fogo á escorva, em presença de todos os Principaes, dos selvagens e dos francezes, e immediatamente a bala

dividio o corpo em duas porções, cahindo uma ao pé da muralha, e outra no mar, onde nunca mais foi encontrada. (D'EVREUX, 1874, p.90-233).

Algumas etnias indígenas possuem um sinônimo para descrever as pessoas homossexuais como os Tupinambá, os Guaranis Mbyás, os Kadiwéu dentre outros. Os Kaxinawá têm uma palavra para designar os homossexuais, *huni ainbu*, Lagrou relata o mito que escutou quando estava fazendo um trabalho de campo entre os Kaxinawá:

Muka só tinha um filho, Napu ainbu. E quando sentia que ia morrer, ela só tinha a ele para ensinar o que sabia. Ensinou para ele como desenhar, tecer e cantar; e quando morreu e o filho ficou sozinho, ele foi viajar para procurar seus parentes de outra aldeia. Quando chegou à aldeia, seus parentes, que não o conheciam, pensavam que Napu era mulher, porque Napu estava pintado como mulher, vestido como mulher e agia como mulher: ‘Vem cá cunhada’, falou para suas primas, ‘vamos desenhar’. ‘Você sabe?’, perguntavam, ‘sei’, disse. E Napu ensinava às mulheres o que tinha aprendido com a mãe. Todos os *huni kuin* [i.e., *kaxinawás*] ficaram entusiasmados com e muitos queriam casar com ele. Certo dia uma das suas primas foi tomar banho com Napu e voltou surpreendida. Ela avisou os homens falando: ‘não é mulher, é homem, eu vi’. Mas um dos homens estava tão apaixonado por Napu que não quis escutar. Napu falou, ‘não faz isso comigo’, mas o homem insistia e finalmente convenceu Napu de ir com ele para a mata, onde namorou (*puikini*, no ânus, *txutaniki*, fazer sexo) e assim engravidou Napu. A criança cresceu e quando era para nascer, sua cabeça não conseguiu sair. Napu morreu e os *huni kuin* ficaram com raiva do homem que matou Napu que sabia tão bem desenho’. [...] A transgressão no mito, que provocou a morte do herói, está na transmissão de um conhecimento fundamentalmente feminino [o desenho] a um homem, o único filho da velha que aprendeu o desenho. Napu, quase mulher, foi incapaz de parir o filho. O termo *Napu ainbu* é usado pelos Kaxinawá para se referir a ‘homens que gostam de namorar outros homens’. (LAGROU, 2007: 194-195).

Cecilia McCallum<sup>18</sup> no seu texto *Nota Sobre As Categorias “Gênero” E “Sexualidade” E Os Povos Indígenas* (2013) problematiza o uso dos termos acadêmicos como "gênero" para explicar práticas indígenas, explicando que para a maioria das etnias indígenas há uma divisão de trabalho que não se por questões de gênero, e que "gênero" como conhecemos e debatemos é uma construção ocidental, não compreendida da mesma forma

---

<sup>18</sup> Se formou em Antropologia Social no London School of Economics and Political Science, University of London, em 1989 (doutorado), e no University of Cambridge em 1979 (graduação). Disponível em <https://sigaa.ufba.br/sigaa/public/docente/portal.jsf?siape=1678241>. Acesso em 23 de novembro de 2024.

pelas etnias indígenas pré-modernas, precisando assim, uma certa cautela para evitar violências epistemológicas. McCallum relata a experiência com os Huni Kuin (Kaxinawá), enfatizando a consanguinidade e a preferência pelo casamento entre primos.

A sexualidade entre os Huni Kuin é usada como um idioma para interações jocosas com estranhos. A autora descreve como o humor e as interações insinuosas com os "Nawa" (não-indígenas) representa uma forma lúdica de relação, mostrando que a sexualidade tem um central na sociabilidade e nas brincadeiras de cunho sexual, mostrado um certo fascínio por sexualidades não convencionais, incluindo histórias de homens vestidos de mulheres, assim como mitos envolvendo sexo entre humanos e animais.

McCallum contesta a visão que opõe "tradição" à "modernidade", afirmando que os povos indígenas se adaptam e reinterpretam conceitos externos, como "cultura" para dialogar com a sociedade ocidental, indo em contra a concepção de que a cultura indígena é rígida e imutável. A autora explica que, segundo Viveiro de Castro (2002, apud MCCALLUM 2013), a cultura é única, mas os corpos são múltiplos, destacando que essa ontologia desafia a velha oposição entre sexo e gênero, indicando que as relações indígenas são mais fluidas e complexas.

Alguns relatos, como o de Fernandes (2016), também abordam essa questão. Um Kaxinawá lhe diz:

Bom, no tempo que vivi na minha aldeia existiam alguns homossexuais assumidos! Travestis, desconheço! Em relação ao preconceito, não me recordo de ter presenciado ou ter ouvido sobre. Na adolescência, não sei se é uma regra, mas me relacionei com alguns garotos, mas eles não necessariamente sejam homossexuais hoje! Na minha língua, quando se refere a um homossexual, fala-se 'huni aimbu'. Huni, significa homem. Então, numa tradução direta ficaria 'homem-mulher' [ou,] 'o homem que é mulher' (FERNANDES, 2016, p. 26).

Ao comparar esses relatos norte-americanos com os mitos dos Kaxinawá e Guarani, observa-se uma importância atribuída ao homossexual, seja na transmissão de técnicas de desenho/pintura ou por meio da ocupação de um lugar sagrado para viver com sua prole.

Na literatura brasileira, apesar de não haver um estudo aprofundado sobre o tema, existe uma quantidade considerável de material. Muitos que estudaram a sexualidade indígena fazem apenas pequenas menções à homossexualidade indígena. Não houve um caso de grande repercussão, exceto o de Krembegi, que é o mais famoso caso de homossexualidade na literatura brasileira.

Clastres<sup>19</sup>, em seu trabalho de campo entre os Guayaki do Paraguai na década de 1960, menciona o caso de Krembegi, um Guayaki homossexual que rejeitou o arco e comportamentos masculinos, adotando um cesto e comportamentos femininos. Segundo o autor:

Na verdade um sodomita. Ele vivia com as mulheres e, à semelhança delas, mantinha em geral os cabelos nitidamente mais longos que os outros homens, e só executava trabalhos femininos: ele sabia ‘tecer’ e fabricava, com os dentes de animais que os caçadores lhe ofereciam, colares que demonstravam um gosto e disposições artísticas muito melhor expressos do que nas obras das mulheres. Enfim, ele era evidentemente proprietário de um cesto [em contrapartida ao arco, epítome da masculinidade] [...]. Esse pederasta incompreensível vivia como uma mulher e havia adotado as atitudes e comportamentos próprios desse sexo. Ele recusava, por exemplo, tão seguramente o contato de um arco como um caçador o do cesto; ele considerava que seu lugar natural era o mundo das mulheres. Krembegi era homossexual porque era pane [ou seja, tinha azar na caça]. [...] para os próprios Guayaki ele era um kyrypy-meno (ânus-fazer amor) porque era pane. (CLASTRES, 1986, p.76).

A observação que faço sobre o tema diz respeito à nomenclatura utilizada para designar os homossexuais. Se formos analisar em termos atuais, não existiria homossexualidade indígena no Brasil, e sim uma transexualidade heteronormativa. Nos relatos apresentados neste trabalho, é comum que o homossexual (especificamente o do sexo masculino) se comporte como se fosse do sexo oposto. Não há relatos de um homossexual

---

<sup>19</sup> Pierre Clastres, antropólogo e etnólogo francês, filósofo de formação, investigador do CNRF, em Paris, deixou um impacto profundo na antropologia e no pensamento político contemporâneos antes de morrer prematuramente, aos 43 anos, num acidente de viação. Nas suas incontáveis expedições à América do Sul, onde partilhou dias e noites com os índios guaiáquis e tupis-guaranis, entre outros, medrou uma atitude libertária que transportou para a sua vida e as suas reflexões, e o levou a afastar-se do meio académico tradicional. Numa obra extensa e dispersa em que perpassam os seus ideais de inspiração anarquista e a influência do grupo Socialismo ou Barbárie (de Cornelius Castoriadis e Claude Lefort), Pierre Clastres dá pistas e razões para construir uma sociedade fora da dependência do Estado, livre da sua opressão, longe das divisões sociais e relações de exploração que ele cria. Disponível em [https://antigona.pt/blogs/autores/pierre-clastres?srsId=AfmBOorZQv4LDp\\_UgVOF7Swn7enJyFKM9DgCcG0EoWeNiaID0jireBdL](https://antigona.pt/blogs/autores/pierre-clastres?srsId=AfmBOorZQv4LDp_UgVOF7Swn7enJyFKM9DgCcG0EoWeNiaID0jireBdL). Acesso em 24 de janeiro de 2025.

que, apesar de se relacionar com outros homens, se comporte como homem. A sexualidade está sempre ligada à identidade de gênero, de modo que, se um indivíduo se relaciona com homens, ele é necessariamente considerado uma mulher, comportando-se como tal, usando adereços femininos e desempenhando funções associadas ao feminino. Apesar de todas as menções sobre homossexualidade, os indivíduos se assemelham mais a transexuais, pois sua identidade de gênero advém diretamente de sua sexualidade.

O artigo *Caminhos De Uma Pesquisa Acerca Da Sexualidade Em Aldeias Indígenas No Mato Grosso Do Sul* (2010) de Cristina Donza Cancela<sup>20</sup>, Flávio Leonel Abreu de Silveira<sup>21</sup> e Almiros Machado<sup>22</sup>, traz uma pesquisa acerca da sexualidade e união matrimonial entre pessoas do mesmo sexo nas aldeias Jaguapiru e Bororó no Estado do Mato Grosso do Sul, focado nas vivências dos indígenas homossexuais nas respectivas aldeias, onde se discute a influência do meio urbano e os desafios do campo da etnografia para entender a perspectiva sobre a homossexualidade indígena. Durante o estudo de campo, os autores encontraram resistência para pautar sobre o tema com os participantes, o que indicou uma certa (in)visibilidade sobre a questão da homossexualidade. Com esse contexto, optaram de modificar o debate sobre o tema, focando em questões sobre relacionamentos matrimoniais, relações familiares e excluindo a abordagem sobre a homossexualidade, escolhendo assim, evitar alguns termos como "gay" e "homossexual" e adotando uma abordagem mais neutra como "pessoas que mantêm relacionamentos afetivos com outras do mesmo sexo", observado que muitos indígenas utilizavam termos como "puto" e "sapatão", que trazem consigo uma carga simbólica e cultural. Os autores concluem que, diante do que obtiveram e nas pesquisas realizada para a elaboração do artigo, faz-se necessário uma maior compreensão da sexualidade indígena para além dos estigmas impostos pela sociedade pós-moderna, pois a bibliografia sobre o tema é escassa, não abrindo margens para um debate mais amplo, o que faz com que as identidades indígenas ancestrais sejam, de certa forma desrespeitadas.

---

<sup>20</sup> Doutora em História pela Universidade de São Paulo (2006), possui mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (1997), sendo graduada em História pela Universidade Federal do Pará (1992). Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/1295680/cristina-donza-cancela>. Acesso em 24 de novembro de 2024.

<sup>21</sup> Graduado em Biologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1991), com Especialização em Ecologia Humana (1993). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996) e Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). Pós-Doutorado em Antropologia (2019). Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/3988167/flavio-leonel-abreu-da-silveira>. Acesso em 28 de novembro de 2024.

<sup>22</sup> . Graduado em Direito pelo Centro Universitário da Grande Dourados (2004), Mestrado em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Pará (2009). Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará (2015). Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/3093043/almiros-martins-machado>. Acesso em 28 de novembro de 2024.

## **IDENTIDADE E ENTERRAMENTO: UM OLHAR DA ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA SOB A PERSPECTIVA DA ARQUEOLOGIA DE GÊNERO**

Marinês Ribeiro dos Santos<sup>23</sup> em seu ensaio *Gênero e Cultura Material: A Dimensão Política Dos Artefatos Cotidianos* (2018) discute a dimensão política da cultura material em relação às normas de gênero, questionando como os objetos do cotidiano contribuem para a naturalização das diferenças de gênero e reforça a desigualdade. Santos, segundo o que diz Judith Butler (2003, apud 2018), examina como os artefatos podem corroborar o binarismo de gênero, construindo corpos e identidades alinhados à heteronormatividade. Conforme Daniel Miller (2013, apud 2018), Santos (2018) afirma que a cultura material é fundamental para a formação da identidade, artefatos não são neutros e carregam valores que refletem e reforçam hierarquias sociais, moldando identidades conforme expectativas de gênero.

O formato do design envolve a criação de artefatos que conduzem significados sociais, esses objetos sugerem que posições sociais e orientação do comportamento de gênero, promovendo normas de masculinidade e feminilidade que permeiam o uso dos artefatos. Baseando em Butler (2003, apud 2018), Santos critica a concepção de gênero como uma construção cultural e sexo como uma verdade biológica, questionando a ideia de que o corpo naturalmente sinaliza identidade e desejo, afirmando que gênero é um aparelho regulador que molda a percepção do corpo e da sexualidade. A autora utiliza-se de conceitos como "tecnologias de gênero" cunhados por Lauretis e Preciado (1004; 2009, apud 2018) para examinar artefatos como banheiros, roupas e brinquedos, que reforçam as ideias de normas de gênero, materializando e naturalizando as diferenças entre homens e mulheres, mostrando que essas idealizações são influenciadas socialmente desde a tenra infância até a fase adulta, incentivando assim uma construção binária de gênero.

Quando coloca-se o corpo humano como objeto de estudo, coloca-se também suas construções de gênero, pois tanto no campo biológico quanto cultural, se observa as evidências físicas e as representações simbólicas imbuídos nos corpos, essas representações representam aspectos femininos, masculinos e outras identidades oferece novas oportunidades de compreender as sociedades pré-modernas. A materialidade dos restos mortais e as práticas

---

<sup>23</sup> Possui graduação em Desenho Industrial pela Universidade Federal do Paraná (1994), Mestrado em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2000) e Doutorado em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010). Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/4067384/marines-ribeiro-dos-santos>. Acesso em 27 de novembro de 2024.

funerárias se tornam essenciais para desvendar as ideologias de gênero e sexualidade dessas culturas. Rautman e Talalay<sup>24</sup> (2000) debatem como o gênero pode ser observado nas relações entre corpo e espaço, e nas interações sociais representadas pela cultura material (RAUTMAN; TALALAY 2000 apud SILVA, et al., 2011).

Silva et al.<sup>25</sup> (2011) no artigo *Arqueologias do Corpo e da Sexualidade: Possibilidades de Estudos sobre Morte e Gênero na Arqueologia Brasileira*, falam sobre como os contextos funerários pode levar a várias compreensões sobre gênero e sexualidade, oferecendo uma nova perspectiva sobre construções sociais de gênero, porém sob uma análise mais profunda para não fazer associações simplistas entre os objetos e as identidades sociais. A análise de artefatos funerários pode revelar como o status social e o gênero de uma pessoa eram percebidos e (re)construídos no ritual de sepultamento.

Diante desse cenário, pensar em padrões de gênero que perpassam o campo da normatividade em diferentes sociedades pré-modernas não é difícil, especialmente ao considerar que a visão de mundo atual não corresponde à de tempos passados. Assim, essas concepções de gênero transitam da vida para a morte. A arqueologia, tradicionalmente, sempre vinculou o sexo biológico às relações sociológicas nas interpretações dos enxovais funerários, sem levar em consideração as identidades sociais. Isso se torna um ponto importante a ser ressaltado, pois evidencia que as concepções contemporâneas podem distorcer as interpretações do passado (OLIVEIRA, 2021).

O artigo *O Sítio Furna Do Estrago: Uma Análise Sobre As Relações De Gênero No Contexto Funerário Pré-Histórico* (2019) de Danúbia Valéria Rodrigues de Lima<sup>26</sup>, Viviane Maria Cavalcanti de Castro<sup>27</sup> e Flávio Augusto de Aguiar Moraes<sup>28</sup>, trazem uma análise

---

<sup>24</sup> \*Alison E. Rautman Ph.D., RPA. Professor emerita, Michigan State University. Registered Professional Archaeologist. \*\*Lauren E. Talalay é uma pré-historiadora do Egeu que se concentra no período Neolítico da Grécia e do Mediterrâneo. Disponível em <https://michiganstate.academia.edu/AlisonRautman/CurriculumVitae> e <https://www.archaeopress.com/Archaeopress/Contributor/Lauren-E.-Talalay>. Acesso em 23 de outubro de 2024.

<sup>25</sup> Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - MAE-USP. É mestre em Arqueologia pelo MAE/FFLCH-USP, graduado em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/644843/sergio-francisco-serafim-monteiro-da-silva>. Acesso em 29 de novembro de 2024.

<sup>26</sup> Graduação em História pela Universidade Católica de Pernambuco (2009), Mestre em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2012), Doutorado em andamento pela Universidade Federal de Sergipe. Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/6349504/danubia-valeria-rodrigues-de-lima>. Acesso em 20 de novembro de 2024.

<sup>27</sup> Possui Doutorado em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2009), Graduação (1988) e Mestrado em História (1999) pela mesma instituição. Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/577303/viviane-maria-cavalcanti-de-castro>. Acesso em 29 de novembro de 2024,

<sup>28</sup> Graduação em Licenciatura em História pela Universidade Católica de Pernambuco (2005), Mestrado em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2008), Doutorado em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe(2021) e Doutorado em andamento em Doutorado em Antropologia Biológica pela Universidade de Coimbra. Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/5420866/flavio-augusto-de-aguiar-moraes>. Acesso em 28 de novembro de 2024.

detalhada das relações de gênero no contexto dos sepultamentos pré-históricos no Brasil, com foco no Brejo da Madre Deus em Pernambuco. A investigação, baseada na arqueologia do gênero, procurou encontrar dados que permitissem tirar conclusões sobre os papéis e identidades de gênero entre os povos pré-coloniais. O texto começa por examinar a arqueologia do gênero e a sua importância na revisão das perspectivas ocidentais e patriarcais, permitindo um exame mais detalhado das diferenças culturais nas práticas funerárias. O conceito de gênero aborda uma perspectiva social, ressaltando a visão de escritoras como Helborn e Joan Scott, que enfatizam o gênero como uma construção que transcende os fatores biológicos. A partir destas abordagens teóricas, a arqueologia de gênero como um campo inclui não apenas o gênero, mas também a identidade de gênero e o comportamento sexual nas sociedades antigas, com foco nos seus registros funerários.

O estudo em questão se refere à prática funerária da Furna do Estrago, no qual foram exumados 87 indivíduos, com datas de ocupação de aproximadamente 250 anos. Na metodologia, os autores categorizam as sepulturas e seus componentes, como posição dos corpos, ornamentos e materiais empregados para a inumação. Entre os achados, os objetos que trazem os corpos, como colares feitos de ossos, dentes e conchas, flautas e cordões vegetais, são interpretados como sinalizadores de gênero, uma vez que apresentam distinção de uso entre homens e mulheres. Os resultados obtidos sugerem a complexidade das relações de gênero observadas: mesmo os homens possuindo instrumentos de madeira e flautas associados, as mulheres são acompanhadas por adornos de materiais distintos. A conclusão é que as identidades de gênero estão parcialmente representadas na materialidade funerária, mas também aponta para uma influência da idade no tratamento, o que sugere uma hierarquia social na qual a idade se mostra relevante. A discussão final propõe que, embora a divisão de gênero fosse presente, as práticas não eram rígidas, e de fato, as evidências de flexibilidade nos papéis sociais são encontradas.

O artigo *Corpos, Oferendas, Rituais E Gênero No Sítio Justino, Baixo São Francisco* (2018), de Lucas Oliveira<sup>29</sup> e Daniela Klokler<sup>30</sup> estuda a arqueologia funerária sob a perspectiva de um contexto colonial. Concentrando-se no cemitério de Justino, ao longo do

---

<sup>29</sup> Graduação em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe (2018), Mestrado em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe (2022), Doutorado em andamento em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia - USP. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/4710360/lucas-santos-oliveira>. Acesso em 27 de novembro de 2024.

<sup>30</sup> Possui graduação em História pela Universidade de São Paulo (1995), mestrado em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (2001), doutorado em Antropologia/Arqueologia pela University of Arizona (2008) e pós-doutorados pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009) e pela Universidade de São Paulo (2019). Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/7550652/daniela-magalhaes-klokler>. Acesso em 26 de novembro de 2024.

rio São Francisco, os autores examinam práticas funerárias, tipos de objetos associados aos sepultamentos e características dos rituais funerários para investigar evidências das práticas de gênero e identidades dos mortos. O artigo começa com uma discussão teórica sobre a arqueologia de gênero, como o ambiente funerário fornece dados ricos para a análise de gênero e relacionamentos. Nesse sentido, Oliveira e Klokler enfatizam a importância de ir além das categorias binárias tradicionais e apontam para a possibilidade do gênero assexuado nas sociedades pré-históricas. A investigação é apoiada por pesquisas arqueológicas e antropológicas que desafiam as ideias ocidentais e conservadoras sobre o gênero como uma construção social e cultural. Metodologicamente, este estudo baseia-se na análise óssea e na preparação de bens funerários. Aproximadamente 160 indivíduos foram investigados e agrupados por idade e sexo sempre que possível. A investigação demonstrou que a distribuição de artefatos como ferramentas de pedra e cerâmica não corresponde à distribuição de gênero, indicando uma mudança na cultura e talvez uma visão negativa do gênero. No entanto, os enterramentos de algumas mulheres são significativos porque foram tratados de forma diferente, o que levou à assunção de funções especiais ou de status superior para algumas mulheres.

O artigo também discute a possibilidade de indivíduos com gêneros não binários ou papéis sociais diversos, e descreve locais de sepultamento e características funerárias únicas. Um exemplo é o caso de uma mulher que foi enterrada com uma ponta de projétil, objetos relacionados ao homem e à caça, indicando que ela cumpria uma função social que, segundo a bibliografia tradicional, é associada ao masculino. Além disso, os autores afirmaram que a presença de flautas e cachimbos são sinais de que certas pessoas têm papéis de destaque ou xamânico. Oliveira e Klokler (2018) concluem que o sítio Justino fornece um cenário perfeito para se compreender a natureza dos gêneros e os status sociais que foram construídos nas sociedades ameríndias. A presença de objetos simbólicos ligados aos vários papéis sociais partilhados entre homens e mulheres desafiam as interpretações das estruturas sociais binárias e aponta para uma sociedade que reconhece e respeita diferentes identidades.

De acordo com Lucas Oliveira, as abordagens sobre os enxovais funerários por meio das performances de gênero são pioneiras e ganharam força nas últimas décadas, à medida que a arqueologia de gênero evoluiu nas questões sociais. No entanto, é importante reconhecer que estudar padrões de gênero por meio de vestígios arqueológicos é, de fato, difícil, pois estamos limitados à materialidade que pode ter sido realocada de diversas

maneiras, como por processos tafonômicos, relocação manual, deterioração, entre outros (OLIVEIRA, 2021).

## CONCLUSÃO

A pesquisa realizada destaca a importância da arqueologia de gênero como uma área fundamental da arqueologia, pois sugere novas compreensões das estruturas sociais das sociedades pré-modernas, que rompem com as noções cisheteronormativas que convencionalmente são atribuídas na arqueologia, oferecendo novas perspectivas sobre o modo de vidas dessas sociedades, onde revela uma pluralidade de identidades e sexualidades, desafiando os paradigmas normativos estabelecidos.

Os estudos analisados mostram que as disposições dos materiais funerários nos sítios arqueológicos citados refletem a presença de pessoas LGBTQIAPN+ como parte integrante e aceita nas sociedades. Porém a escassez de trabalhos acerca do tema evidencia uma lacuna que necessita ser preenchida, aprofundando o debate sobre sexualidades e gêneros no contexto arqueológico.

Portanto, torna-se urgente ampliar o debate acerca do tema, promovendo assim abordagens interdisciplinares, que possam articular com a arqueologia para elucidar e preencher as lacunas existentes nos estudos da teoria *queer*, possibilitando uma visão mais inclusiva e diversa sobre as sociedades ameríndias.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Arkley Marques. **A Teoria Queer Em Uma Perspectiva Brasileira: Escritos Para Tempos de Incertezas**. Revista de Arqueologia Pública. Campinas. 2019.

BERROCAL, María Cruz. **Feminismo, Teoría Y Práctica De Una Arqueología Científica**. Grupo de Investigación Prehistoria Social y Económica. IH, CCHS, CSIC. c/Albasanz 26-28. Madrid 28037. 2009.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism And The Subversion Of Identify**. Ed. Routledge, New York. 1990.

CANCELA, Cristina Donza; SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da; MACHADO, Almiros. **Caminhos De Uma Pesquisa Acerca Da Sexualidade Em Aldeias Indígenas No Mato Grosso Do Sul**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2010.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade Contra O Estado**. Tradução de Theo Santiago. Francisco Alves. 3º Edição. Rio de Janeiro. 1986.

D'EVREUX, Yves. **Viagem Ao Norte Do Brasil Feita Nos Anos de 1613 a 1614 Pelo Padre Ivo D'evreux, Religioso Capuchinho**. Publicada conforme o exemplar único conservado na Biblioteca Imperial de Pariz. Maranhão: Typ. Do Frias, 1874.

DOWSON, Thomas A. **Why Queer Archaeology? An Introduction**. World Archaeology. v. 32. 2000.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Ativismo Homossexual Indígena E Decolonialidade: Da Teoria Queer Às Críticas Two-Spirit**. 37º Encontro Anual da ANPOCS, SPG 16 Sexualidade e gênero: espaço, corporalidades e relações de poder. Águas de Lindoia, SP, de 23 a 27 de setembro de 2013.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Homossexualidade Indígena no Brasil: Um Roteiro Histórico-Bibliográfico**. Dept. de C. Sociais. Rondônia. 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos De Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONTIJO, Fabiano de S.; SCHAAN, Denise P. **Sexualidade E Teoria Queer: Reflexões Para Uma Arqueologia Brasileira**. Revista de Arqueologia. 2017.

LAGROU, Els. **A Fluidéz Da Forma: Arte, Alteridade E Agência Em Uma Sociedade Amazônica [Kaxinawá, Acre]**. Rio de Janeiro: Top Books, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos De Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Danúbia Valéria Rodrigues de; CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti de; MORAES, Flávio Augusto de Aguiar. **O Sítio Furna Do Estrago: Uma Análise Sobre As Relações De Gênero No Contexto Funerário Pré-Histórico**. Revista de Arqueologia, vol. 32, n. 2, p. 105-114, 2019.

MARINHO, Cristiane Maria; VERAS, Elias Ferreira. **Michel Foucault E A Teoria Queer**. Bagoas, 2017.

MARK, Joshua J. **Sappho of Lesbos**. World History Encyclopedia. 2021. Disponível em [https://www.worldhistory.org/Sappho\\_of\\_Lesbos/](https://www.worldhistory.org/Sappho_of_Lesbos/). Acesso em 21 de Outubro de 2024.

MCCALLUM, Cecília. **Nota Sobre As Categorias “Gênero” E “Sexualidade” E Os Povos Indígenas**. Cadernos Pagu, n. 41, p. 53-61, 2013.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer E A Sociologia: O Desafio De Uma Analítica Da Normalização**. Sociologias, Porto Alegre, 2009.

OLIVEIRA, João Manuel de. **Trânsitos De Género: Leituras Queer/Trans\* Da Potência Do Rizoma Género**. In: OLIVEIRA, João Manuel de; AMÂNCIO, Lúcia (Org.) **Gêneros E Sexualidades: Interseções E Tangentes**. Lisboa: Centro de Investigação e de Intervenção Social (CIS-IUL), 2017. p. 115-138.

OLIVEIRA, Lucas Santos. **Da Cerâmica Ao Corpo, Do Corpo Ao Género: Enterramentos Com Vasilhames Do Sítio Justino**. 2022. 171 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) — Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2022.

OLIVEIRA, Lucas. **Para Além Do Binarismo De Género: Reflexões Para A Arqueologia**. Rev. Arqueologia Pública. Campinas, SP. v.16. nº1. p.111. 2021.

OLIVEIRA, Lucas; KLOKLER, Daniela. **Corpos, Oferendas, Rituais E Gênero No Sítio Justino, Baixo São Francisco**. Revista *Habitus*, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 103-124, jan./jun. 2018.

PAGNOSSI, Nádía Carrasco. **Construindo Uma Arqueologia De Gênero**. Revista de Arqueologia Pública, Campinas, v. 11, n. 1, p. 50-66, jul. 2017.

PELÚCIO, Larissa. **Traduções E Torções Ou O Que Se Quer Dizer Quando Dizemos Queer No Brasil?** Revista *Periódicus*, v. 1, n. 1, 2014.

ROSSI, Elvio Antônio. **O Rapto De Ganimedes. Uma Releitura Do Mito Clássico Através Da Arte Românica**. 2010, rev. 2016. Disponível em <https://www.hacer.com.br/o-rapto-de-ganimedes>. Acesso em 21 de Outubro em 2024.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. **Gênero e Cultura Material: A Dimensão Política Dos Artefatos Cotidianos**. Revista *Estudos Feministas*, v. 26, n. 1, e37361, 2018.

SILVA, Sergio F. S. M. da; CASTRO, Viviane C. de; LIMA, Danúbia Rodrigues de. **Arqueologias Do Corpo E Da Sexualidade: Possibilidades De Estudos Sobre Morte E Gênero Na Arqueologia Brasileira**. *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, v.26, n.1, 2011.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo Do Brasil Em 1587**; Edição Castigada Pelo Estudo e Exame De Muitos Códices Manuscritos Existentes No Brasil, Em Portugal, Espanha e França, Acrescentada de Alguns Comentários Por Francisco Adolfo de Varnhagen. Belo Horizonte, Editora Itatiaia. 2000.

WYLIE, Alison. **The Engendering Of Archaeology Refiguring Feminist Science Studies**. *The History of Science Society*. In: *Osiris*: v.12, 1997.